

Learning by Ear – Aprender de Ouvido

“Contra o Crime – Não acredite na propaganda”

2º Episódio: Corrida contra o tempo

Autor: Chrispin Mwakideu

Editores: Yann Durand, Karina Gomes, Charlotte Collins

Tradução: Raquel Loureiro

Revisão: Marta Barroso

LISTA DE PERSONAGENS

- **Narrador**

Cena 1:

- Dra. Alda (Dr. Aseya, 35, mulher/female)
- Miguel (Mumo, 15, homem/male)
- Rafaela (Rukiya, 35, mulher/female)

Cena 2:

- Nélia (Nereya, 19, mulher/female)
- Tiago (Tubu, 23, homem/male)
- Vendedor (Hawker, 20, homem/male)

Cena 3:

- Multidão (Crowd, 18-30, mixed aged and gender)

- Dra. Alda (Dr. Aseya, 35, mulher/female)
- Mário (Mchupa, 29, homem/male)

INTRO:

Olá! Bem-vindos ao quarto episódio do audiolivro “Contra o Crime – Não acredite na propaganda” escrito por Chrispin Mwakideu. No episódio anterior, na fábrica de processamento de milho de Kalanda, um controlador de qualidade aceitou um suborno do motorista de entregas, Mário, para permitir que uma remessa de milho fosse registada sem inspeção. Passaram duas semanas desde então. O milho foi embalado e já está no mercado. Neste episódio, juntamo-nos à Dra. Alda que está a atender um paciente no novo hospital da cidade.

CENA 1:

ATMO: INTERIOR DO CONSULTÓRIO, SONS DO HOSPITAL

MOVIMENTADO OUVIDOS DO CONSULTÓRIO

(ATMO: INSIDE OFFICE, BUSY HOSPITAL HALL HEARD FROM THE OFFICE)

Todos gostavam do atendimento no novo hospital de Kalanda. Tinha categoria, estava impecavelmente limpo, era muito sofisticado.

"Hmm!", suspirou em voz alta a Dra. Alda, sentando-se atrás da sua grande secretária.

"Aqui vamos nós outra vez...", disse para si mesma, prevendo outro dia atarefado.

SFX: CADEIRA A SER ARRASTADA

(SFX: CHAIR CREAKING)

No entanto, esta manhã, algo de estranho parecia estar a acontecer. Havia muito mais pacientes do que o habitual na sala de espera e muitos deles pareciam estar muito mal.

A Dra. Alda era a médica chefe do hospital. De um dos lados do seu consultório, cortinas compridas tapavam a cama onde ela examinava os seus pacientes.

Da sua secretária, viu um rapaz alto aproximar-se. Vinha da receção. Levantou a mão para bater à porta, mas antes que o fizesse, a Dra. Alda acenou-lhe para que entrasse.

A porta abriu-se e o rapaz arrastou-se lentamente para dentro.

SFX: PORTA FECHA

(SFX: DOOR CLOSED)

"Entre, sente-se. Eu sou a Dra. Alda e tu és...?"

SFX: CADEIRA A SER ARRASTADA

(SFX: CHAIR CREAKING)

“Sou o Miguel”, disse o rapaz timidamente.

A Dra. Alda calculou que o rapaz tivesse entre 15 e 16 anos. "Como posso ajudar-te, Miguel?" O rapaz estava relutante em explicar. "Vá lá Miguel, podes dizer-me", persuadiu-o ela.

“Muito bem, Dra... Estou com diarreia há dois dias e não para”, disse ele, desviando o olhar da médica. “Dói-me muito o estômago.”

A Dra. Alda quis saber o que ele tinha comido nos últimos dias. "Nada de especial", disse o jovem. "Apenas farinha de milho cozida com peixe, como é normal."

"Bem, pode ter sido o peixe que não estava fresco. Vais precisar de beber muita água. Vou também receitar...".

SFX: PORTA ABRE VIOLENTAMENTE

(SFX: DOOR OPENS VIOLENTLY)

Nesse momento, a porta do seu consultório abriu violentamente, interrompendo a Dra. Alda. Uma mulher de trinta e poucos anos entrou a correr, segurando uma criança nos braços.

“Doutora, por favor, ajude-me!”, gritou ela, ofegante. "O meu filho! Não para de vomitar e tem diarreia. Por favor, ajude-o!"

A Dra. Alda estava um pouco irritada com a mulher por ter entrado assim no seu consultório, mas viu que, de facto, a criança precisava de ser vista. Tinha os olhos amarelos e parecia fraca.

O amarelecimento dos olhos podia indicar um grave problema hepático. "Ou poderia ser cólera?", perguntou a médica. Pediu a Miguel para sair e esperar lá fora.

INTERLÚDIO MUSICAL

MUSICAL INTERLUDE

####BREAK####

INTRO:

Olá! Bem-vindos ao quinto episódio do audiolivro “Contra o Crime - Não acredite na propaganda” escrito por Chrispin Mwakideu. No episódio anterior, começaram a chegar ao Hospital Privado de Kalanda os primeiros pacientes com sintomas de intoxicação. Nas redes sociais não se falava de outra coisa. Entretanto, o jornalista Tiago encontra uma antiga colega de escola. É a eles que nos juntamos neste episódio...

CENA 2:

ATMO: EXTERIOR, RUA POUCO MOVIMENTADA

(ATMO: OUTSIDE, LESS BUSY STREET)

Nélia estava inquieta. "Talvez pudesse ir dar um passeio", disse a si mesma. O tempo estava bom, nem muito ensolarado nem demasiado

nublado. Pegou nos seus novos auscultadores bluetooth, colocou-os nos ouvidos e saiu para dar um passeio. Sem dar por isso, estava a caminhar em direção ao centro de Kalanda.

Os vendedores ambulantes faziam, como de costume, muito barulho e importunavam todos os que ousassem passar nos passeios onde tinham colocado os seus artigos. Ali, uma rapariga tão bonita como Nélia não poderia escapar aos comentários provocadores.

"Ei, linda! Olha para estas calças justas! São mesmo para ti! Vão-te realçar os atributos!", disse um vendedor ambulante em tom de brincadeira.

"Obrigada, hoje não. E quem é que lhe deu o direito de fazer comentários sobre o meu corpo?", perguntou Nélia, aborrecida.

Para surpresa dela, ele foi agressivo. "Ah, vai-te embora! Não és assim tão bonita como pensas!", disse ele, virando a sua atenção para outros potenciais clientes.

Nélia perguntava-se porque é que alguns homens se comportavam assim. Era ignorância, indelicadeza ou ambas?

SFX: PASSOS A APROXIMAR-SE

(SFX: STEPS APPROACH)

Ela ainda estava a pensar no assunto quando ouviu alguém chamá-la pelo nome.

"Desculpa... Nélia, és tu?", disse o rapaz.

Ele parecia-lhe familiar. Muito familiar. "Ohhh... espera lá! Tu és quem eu estou a pensar que és?"

"Tiago! Tiago Kabambe! Lembras-te de mim? Andámos juntos na escola", disse o rapaz contente.

"Tiago, claro que me lembro de ti! Um dos rapazes que infernizou a minha vida na escola...", disse Nélia.

Tiago tinha-lhe feito bullying na escola, mas ainda assim ela tinha uma pequena queda por ele. Ele era muito bonito na altura e, naquele momento, pareceu-lhe ainda mais bonito.

Conversaram durante algum tempo, recordando o tempo de escola, até que finalmente Tiago perguntou se eles podiam tirar uma selfie.

"Uma selfie de nós os dois juntos para a tua conta nas redes sociais? Hum... Prefiro não tirar. Eu não gosto de redes sociais", disse Nélia.

"Não, a selfie é só para mim, não para publicar", insistiu Tiago.

"Desculpa, não queria reagir assim", disse Nélia, lamentando a sua resposta dura. "Bem, nesse caso... acho que não faz mal!" e pôs-se ao lado dele.

SFX: SOM DE MENSAGEM

(SFX: MESSAGE PING)

Mas antes que pudessem tirar a selfie, o telefone de Nélia apitou. Apesar de muito curto, o volume do toque da notificação de mensagem do telefone de Nélia foi suficiente para interromper Tiago, que estava já preparado para a selfie com o telefone nas mãos e os braços esticados acima das suas cabeças. De repente, e como se tivesse combinado, o telefone de Tiago também tocou. Os dois antigos colegas de turma olharam um para o outro com um ar desconfiado, olharam para os seus smartphones e disseram em uníssono: "#EsquemaHospitalKalanda está nas tendências".

Os "internautas" - as pessoas que comentam online - estavam a culpar o Hospital Privado de Kalanda pelo recente surto de uma doença semelhante à cólera que estava a alastrar pela cidade. Aparentemente, os cidadãos de Kalanda estavam a exigir que o hospital fosse encerrado por "estar por detrás da intoxicação que entretanto se espalhou". A alegação de que o hospital estava "a envenenar pessoas para poder ganhar dinheiro a tratá-las" tinha-se espalhado rapidamente: o hashtag já tinha sido usado mais de 200 mil vezes na internet.

"Olha este comentário, Tiago!", disse Nélia entusiasmada. Fez uma pausa para respirar fundo e depois leu: "Acordem kalandenses! O Hospital Privado de Kalanda só quer duas coisas: o vosso dinheiro e os

vossos cadáveres.” Preciso de partilhar isto com os meus amigos. Eles precisam de saber!”

Nélia estava prestes a premir o botão "partilhar" na sua rede social, quando Tiago a interrompeu.

SFX: REMEXER DE ROUPAS

(SFX: CLOTH RUSTLE)

"Nélia, espera! Antes de partilhares, pensa: sabes se esta informação é verdadeira?"

Nélia ficou intrigada. "Bem, na verdade, não. Foi um amigo meu que me enviou."

Tiago lançou-se imediatamente numa pequena palestra sobre os perigos da partilha de notícias não confirmadas.

"Sabes, a desinformação pode causar graves danos – para pessoas, sociedades e mesmo países", explicou ele. "Deve-se sempre confirmar qualquer informação numa fonte fiável, antes de partilhar ou publicar."

Nélia percebeu onde Tiago queria chegar. "Ok, não vou partilhar. Mas como vamos descobrir se é verdade?"

"Pesquisando, procurando a informação e fazendo as perguntas certas", respondeu Tiago, olhando para o relógio.

"Desculpa, Nélia. Tenho de ir. Aqui tens o meu cartão. Liga-me. Podemos encontrar-nos mais tarde."

INTERLÚDIO MUSICAL

MUSICAL INTERLUDE

####BREAK####

INTRO:

Olá! Bem-vindos ao sexto episódio do audiolivro “Contra o Crime – Não acredite na propaganda” escrito por Chrispin Mwakideu. No episódio anterior, Tiago encontrou, por acaso, uma antiga colega de escola, Nélia. Enquanto estava com ela, o jornalista ficou a par da polémica que envolve o novo hospital privado da cidade. Depois de várias pessoas se terem queixado de dores de estômago e mal-estar, surgiu nas redes sociais a acusação de que teria sido o hospital a envenenar a população para que as pessoas fossem lá tratar-se. Mas Tiago quer saber mais e resolve investigar. Neste episódio, voltamos ao novo hospital da cidade...

CENA 3:

**ATMO: NO EXTERIOR, RUA MUITO MOVIMENTADA, VOZES,
BUZINAS DE CARROS**

(ATMO: OUTSIDE, VERY BUSY STREET, VOICES, CAR HORNS)

A multidão que se dirigia ao Hospital Privado de Kalanda aumentava. As nuvens de poeira dificultavam a visão mesmo a poucos metros de distância. No ar sentia-se um cheiro forte a transpiração devido ao amontoado de gente. À medida que caminhavam, as pessoas entoavam cânticos.

A população de Kalanda estava furiosa. O novo hospital da cidade estava deliberadamente a adoecê-los para ganhar dinheiro com o seu tratamento, gritavam. "Por que outro motivo começariam todos a ficar doentes logo após a abertura do hospital?", gritou Mário.

Jovem encorpado, Mário tinha 29 anos. Estava sempre metido em problemas e os seus olhos deixavam transparecer violência. Em criança, Mário tinha sido expulso de duas escolas por intimidação de outros alunos.

Escusado será dizer que nunca terminou a escola e agora trabalhava como intermediário de milho e camionista, comprando milho a agricultores e fornecendo-o a diferentes pontos de venda.

A multidão tinha agora chegado ao Hospital Privado. A gritaria e os cânticos tornaram-se mais furiosos. "Já chega! Não vamos deixar que este hospital nos mate por dinheiro, pois não?", gritou Mário.

"Nãaaooo!", respondeu a multidão.

"Exigimos falar com o diretor deste hospital agora mesmo!", continuou Mário. A multidão repetiu depois dele. "Falem connosco agora!"

A Dra. Alda ouviu a confusão do seu consultório. Pegou no telefone, ligou para a segurança e perguntou o que se passava lá fora. "Estão a dizer que estamos a fazer adoecer pessoas para podermos ganhar mais dinheiro", disse-lhe o chefe da segurança.

"Mas isso é um disparate! Eu vou falar com eles", disse decidida a Dra. Alda.

SFX: TELEFONE DESLIGA

(SFX: PHONE HANGING UP)

Quando saiu pela porta da frente, ficou no topo dos degraus da entrada e tentou gritar para se fazer ouvir. "Eu sou a Dra. Alda. Trabalho aqui. E peço a todos que se acalmem. Por favor, deixem-nos fazer o nosso trabalho! Estamos a tratar de muitos pacientes!"

"Ouviram o que ela disse?", gritou Mário. "Ela disse que eles têm muitos pacientes. O que quer dizer que nos envenenaram de propósito para que viéssemos aqui tratar-nos e eles fizessem dinheiro com isso!" Os manifestantes estavam cada vez mais agitados.

De repente, algo passou a poucos centímetros da cabeça da Dra. Alda, acertando no vidro da janela atrás dela.

SFX: ARREMEÇO DE PEDRAS

(SFX: STONES THROWN)

SFX: VIDRO PARTIDO

(SFX: WINDOWS BROKEN)

Os manifestantes estavam a atirar pedras! A Dra. Alda baixou-se e começou aos gritos, enquanto via outras pedras serem atiradas na sua direção. "Parem! Socorro! Alguém me ajude! Socorro!"

Nesse momento, alguém a agarrou pelo braço e puxou-a para dentro do hospital. Era o chefe da segurança. A sua cabeça estava a sangrar. E pouco antes de desmaiar, a Dra. Alda ouviu sirenes da polícia à distância.

INTERLÚDIO MUSICAL

MUSICAL INTERLUDE